

RUA ARTUR MANOEL DA CASTRO

Lei nº 1817 de 15-10-1957

Formada pela rua 7 do Jardim Boa Esperança

Início na rua João Quirino do Nascimento

Término na rua Boa Esperança

Jardim Boa Esperança

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal de
Campinas Ruy Hellmeister Novaes

ARTUR MANOEL DE CASTRO

Artur Manoel de Castro nasceu em São Paulo, em 08-setembro-1880 e faleceu em Campinas, em 14-agosto-1907. Era filho de Manoel de Castro e Brandina de Castro. Artur Manoel de Castro veio para Campinas, trabalhando na bilheteria da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. À noite, dava aulas noturnas na Escola "Correia de Melo". Em 1904, junto com Didier Monteiro e Ernesto Barreto, fundou e dirigiu pequena poliantéia que tomou o nome de Vésper, e mais tarde Arcádia. Artur Manoel de Castro foi poeta de talento e inspirações extraordinárias. Tanto em jornais locais como em publicações e jornais de São Paulo, publicou suas poesias e sonetos. No dia imediato à sua morte, através das colunas do "Comércio de Campinas", escreveu Francisco de Campos Abreu: "Era de uma fácil inspiração e de talento bastante. Modelava em sonetos belíssimos, cheios de viço e espontaneidade poética, desde o mais pueril dos clamores da mente humana, até os assuntos que tocam as raias das alturas, onde moram as mais nobres fantasias".



LEI N.º 1817, DE 15 DE OUTUBRO DE 1957

Dá o nome de "Artur Manoel de Castro" a uma rua da cidade

A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de Campinas, promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1.º — Fica denominada "Artur Manoel de Castro", a rua 7 do Jardim Boa Esperança, a qual, tendo início na rua 4, termina na rua 1.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 15 de outubro de 1957.

Ruy Hellmeister Novaes
Prefeito Municipal

Eng. Paulo Silva Pinheiro
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 15 de outubro de 1957.

O Diretor
Alvaro Ferreira da Costa

Correio - Dia 16.12.56

Sugestão apresentada ao chefe do executivo municipal

O sr. Alaôr Malta Guimarães lembra o nome daquele saudoso professor e poeta que muito moço se projetou em notáveis composições — Atirado à vala comum aquele que ao tempo de Cesar Bierrenbach foi um dos grandes valores da literatura local

Além de expressivas divulgações que muito têm beneficiado e projetado o nome de Campinas nos mais longínquos pontos do território nacional e até no exterior, não se restringe apenas às divulgações estatísticas e trabalho do Sr. Alaôr Malta Guimarães, pois as suas atividades convergem também, com o mesmo espírito de servir, à pesquisa de fatos antigos, e reparações de injustiças cometidas para com filhos desta e de outras cidades.

Ainda agora, o Sr. Alaôr Malta Guimarães vem de sugerir ao Prefeito, seja dado o nome de Artur Manoel de Castro a uma rua de Campinas.

O ofício do Sr. Alaôr Malta Guimarães está assim redigido:

"Exmo. Sr. Ruy Novaes, Digníssimo Prefeito Municipal de Campinas. "Tanto esgotou o cérebro para iluminar os sonhos, que um dia, subitamente, achou-se envolvido em trevas".

(Coielho Neto)

A 15 de agosto de 1907, noticiava, o jornal "O Comércio de Campinas", número 2.097, ano VII, este infausto acontecimento:

"Inesperadamente, com o subitâneo do imprevisível, uma notícia dolorosa abateu ontem, com um espasmo de máguá, o coração dos intelectuais campineiros.

Artur de Castro, um dos mais belos talentos poéticos dentre os novos campineiros, um sonetista que embora jovem, já de nome feito e de grande inspiração, sucumbira, repentinamente, a uma congestão pulmonar.

Eram 4 horas da tarde quando o víramos cheio de vida, como que regorgitando de seiva, de volta de seu posto de empregado da bilheteria da Companhia Paulista.

Pouco depois era vitimado ao chegar à sua residência.

Em Artur de Castro perderam as letras campineiras um talento de escóli e a quem estavam fadados largos destinos, um talento mavioso de poeta inspiradíssimo que, na sua capa de modestia, ninguém seria capaz de imaginar valesse mais, muito mais do que todos os gralhas espavados que se prendem impôr, são a golpes de talento e de modestia, mas ao ruir estridente dos tambores de confraria elogiosa.

Mais do que nos jornais de Campinas, Artur de Castro colaborou com atividade em outras folhas de S. Paulo, onde a sua veia poética sempre teve relevo pouco comum.

Por ocasião da morte de Cesar Bierrenbach, Artur de Castro publicou em número especial do "Comércio de Campinas", à memória daquele saudoso campineiro, um formoso soneto de que o público, certo, não terá olvidado.

Vendo desaparecer um amigo como poucos, alma de ouro, invejável e morrer no acaso, quando ainda parecia não haver tocado ao seu "Zenith", esse astro tão luminoso de nossa vida literária, o coração confrange-nos em ímpetos de dor, as lágrimas tolhem-nos a palavra e a mão apenas toma de um punhado de saudades e goivos para atirar sobre o corpo inanimado do mimoso poeta campineiro."

A 16 de agosto do mesmo ano, escrevia o mesmo jornal:

"O feretro do malgrado moço Artur de Castro saiu do prédio 146 da rua Barão de Jaguará, sua residência. Dentre os presentes, estavam: Dr. Vicente Melillo, Ernesto Barreto, Didier Monteiro, Dr. Alvaro Miller, Benedito Florêncio é Benedito Bueno, Representando o Dr. Henrique de Barcelos e o "Comércio de Campinas".

A 17 de agosto, no mesmo "Comércio de Campinas", escreveu, Francisco de Campos Abreu, o seguinte artigo exaltando a personalidade do moço Artur de Castro:

"Mais uma alma grande que se foi!

Mais um que se val, deixando desaparecer os seus vestígios ao soprar da rígida lufada do vento do sombrio sepulcro.

Artur de Castro, moço ainda, cheio de esperança, de nobreza de coração, de bondades d'alma; numa dessas tardes tristes e neblinosas, de céu em nuvens plumbeas, teve o fim do seu lutar pela vida.

Através do nosso meio "intelectual", a infausta notícia, de que Artur de Castro morrera repentinamente, teve um caminhar ligeiro.

Logo após esse momento nefasto, em todos os lugares, geralmente se falava a respeito desse moço que tão breve veio a morte chamar para a sua lesão escura de "viveres" de eternidade!

Creio que bem a par da verdade, diremos que, algum sonho temerário, talvez o de mitigar as dores que nos trazem as insuperáveis máguas da vida, o fizera poeta.

Poeta sim, um desses entes que têm a alma refugiada para o além onde povoa o espaço a embevecedora fantasia!

Poetas! seres que vivem no mundo, enquanto a sua alma mora em regiões cerúlas ao impulso da "arte"; longe, bem longe do murmurar terreno, em calmosas plagas de tranquilidades e docuras, onde reina, fulgindo, a luz vibrante do rutilo sol fantástico da alada inspiração!

Possuía, já o seu nome bem reputado, o mavioso poeta Artur de Castro.

Era de uma fácil inspiração e de talento bastante. Modelava em sonetos belíssimos, cheios de viço e espontaneidade poética, desde o mais pueril dos clamores da mente humana, até os assuntos que tocam às ráias das alturas, onde moram as mais nobres fantasias!

Os poetas que se fazem da vontade única e original da alma, e não das forjas de moldas idéias, sempre possuem, em seus corações, algum fragmento ao menos, que pulsa para as verdadeiras profecias! Quem diria que, no seu mimoso soneto, e talvez o último, escrito à memória de César Bierrenbach, esse outro poeta que teve a alma vibrada em lira, se continha tão verdadeiramente lavrada a sua própria sentença!

Disse Ele:

Artur de Castro, no entanto é morto!

Nós, que somos ínfimos átomos, de muito querer, porém, de diminuto poder, diante dum destes fatos, uma verdadeira impiedade do destino, bradar não podemos!

Contra a vontade de Deus, jamais ninguém ousou bradar com profundidade.

A saudade nascida da recordação desse vulto que passou sózinho pelas sendas da vida, porém como um magnânimo astro, será o melhor protesto das amizades sinceras e puras que lhe eram votadas pelos seus amigos e admiradores.

Nesta Campinéa, neste torrão abençoado, berço de gloriosos talentos, é também glória possuir a campa, por isso dorme o poeta, serás feliz nessa tua morada calma, ao abrigo da sombra amiga que projeta a casuarina de merencório ciclo, o enlévo das almas melancólicas!

Termino repetindo as suas palavras a César, as quais, parece que, com verdadeiro jus lhe cabem agora por sua vez:

"Ascendeu para sempre o voo [derradeiro...]

E — sublime epopéial — abrem-lhe, para em par.

Os pórticos da Glória ao grande [Campineiro!...]

Paz à alma de Artur de Castro".

Perdeu, pois, Campinas, em 1907, no curto espaço de 12 dias, duas grandes culturas: César Bierrenbach, no dia 12 de agosto e Artur Manoel de Castro, no dia 14.

Falar de Artur Manoel de Castro não é tarefa fácil. Explicamos:

Todos os autores citados, boa como as notas publicadas por ocasião do seu falecimento, dão-no como campineiro. Mas teria mesmo ele nascido em Campinas?

Duvidamos. Nos Arquivos da Cúria Diocesana nada encontramos a respeito.

Luis Correia de Melo, em o "Dicionário dos Autores Paulistas" a página 142, afirma:

"Artur de Castro nasceu em S.

Paulo (Capital) aos 8 de setembro de 1880. Jornalista e poeta. Residiu em Campinas".

Acetamos, pois, a afirmativa de Luis Correia de Melo e deixamos que Artur Manoel de Castro tenha sido paulistano de nascimento e campineiro de coração. Só nasceu em S. Paulo, viveu em Campinas e a esta cabe toda a glória de tê-lo hospedado durante largos anos. Foi aqui que ele realizou a sua obra poética.

Assim, a Campinas cabe a obrigação de homenageá-lo.

Segundo Leopoldo Amaral, em seu "Almanaque de Campinas em 1900", Artur de Castro fazia parte do corpo docente da Escola Correia de Melo, como professor das aulas noturnas do estabelecimento. Por esse tempo, Artur Manoel de Castro devia ter, mais ou menos, 20 anos de idade.

Em "Campinas de outrora", de Rafael Duarte, edição de 1905, página 161, encontramos-o ao lado de Ernesto Barreto, e Didier Monteiro, como fundadores e directores do órgão literário denominado "Vesper".

Didier Monteiro, testemunha vivo dos fatos daqueles saudosos tempos, a respeito de nosso pedido de uma rua para Ernesto Barreto, escreveu um atencioso cartão, o qual destacamos o seguinte:

"... Em 1904 fundamos e dirigimos juntos: eu (Didier Monteiro), Ernesto Barreto e ARTUR DE CASTRO, pequena polianteta que tomou o nome de "Vesper" (pois Arcádia) e que fez época naqueles luminosos tempos... Profunda é a saudade dessa quadra feliz".

Artur Manoel de Castro, moço inteligente, poeta dos mais valorosos dos seus dias, simples, modesto, humilde, era também bilheteiro da Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

Provido de gente simples, de pobre mas honrado casal Manoel de Castro e Brandina de Castro, nasceu, segundo Luis Correia de Melo, na cidade de S. Paulo.

Mas que importa esse fato? O fato de ele não ter nascido em Campinas?

O que importa é que sabemos que ele existiu, que viveu entre nós, entre nosso antepassado, que honrou o seu berço natal e muito mais ainda a cidade onde viveu, que foi cidadão exemplar, que foi um bom filho, que aqui morreu às 6 horas do dia 14 de agosto de 1907, que foi sepultado no Cemitério da Saudade, que sua morte foi chorada por homens de letras, tais como, Dr. Vicente Melillo, Ernesto Barreto, Didier Monteiro, Alvaro Miller, Benedito Florêncio, Henrique de Barcelos, Francisco de Campos Abreu e muitos outros.

Sua sempre querida e cantada Campinas não soube guardar desveladamente os seus restos mortais. Não. Campinas não o fez por mal. Foi apenas um descuido dos homens, daqueles homens que, vivendo na ocasião, deveriam ter lembrado ao Poder Público a necessidade da doação à família daquele sagrao pedeco de chão por ele ocupado no Cemitério da Saudade. Apenas um descuido involuntário e nada mais. Campinas em sua consciência jamais seria ingrata a um tão dileto filho adotivo se não ignorasse tal circunstância.

Precisa e deve, pois, Exmo. Sr. Prefeito, a nossa cidade render-lhe um preito de gratidão, de reparação mesmo de injustiça, do descuido cometido. Os restos mortais de Artur de Castro deveria pertencer ao patrimônio histórico da Municipalidade Campineira.

Mas... O que está feito, feito está. Artur Manoel de Castro era pobre de dinheiro, mas rico, muito rico, milionário mesmo de cultura.

Não tivesse partido tão cedo, pois contava apenas 27 anos incompletos — atestado de óbito passado pelo Dr. Betim, dando como "causa-mortis" congestão pulmonar e sepultamento na quadra 3, sepultura n.º 237, e Campinas de, alguns anos mais tarde, tê-lo-ia conhecido melhor.

De nada valem agora as lágrimas ou as repriminações. Artur de Castro foi exumado e atirado à vala comum, àquela vala onde moram aqueles que não têm casa própria no Campo Santo da Cidade.

Artur Manoel de Castro na vala comum! Talvez, para ele, essa morada não constitua nada que o possa diminuir. Talvez fosse esse mesmo o seu desejo, pois era modesto demais, humilde mesmo e nessa vala talvez tenha encontrado o seu meio ambiente, aquele ambiente tantas vezes por ele sonhado e cantado em seus versos.

Artur Manoel de Castro era um gênio e como tal o seu nome não pode continuar ausente da nomenclatura das ruas da cidade.

Solicitamos, pois, Exmo. Sr. Prefeito, seja dado o nome do ARTUR MANOEL DE CASTRO, Poeta e Professor, a uma das ruas de Campinas.

Respeitosamente
a) Alaôr Malta Guimarães

